

O analfabeto e a sociedade literada

Melina Ponce Maranhão

1994

Original

O analfabeto e a sociedade letrada

Helena Ponce Maranhão

... ele só tá analfabeto por que nenhum dos que tem deu cobertura de tirar aquele nome trágico de analfabeto dele..."

(Depoimento de um carregador autônomo no CEASA/RJ)

Estas reflexões têm como referência um estudo que realizei como Tese de Mestrado em Ciência Política, intitulado: *Trançando Discursos: Pobreza, Política, Sociedade* (IUPERJ, 1990). Nele procurei tratar de percepções, opiniões, crenças, isto é, representações ou concepções de adultos que participaram, em 1984, de classes de alfabetização da extinta Fundação MOBRAL, localizadas na área metropolitana do Grande Rio.

Abordei, então, vários aspectos, pois visava conhecer concepções dos alunos a respeito da sociedade e da política. Mas, por ora, pretendo me deter em questões que discutem a relação entre o analfabeto e o mundo letrado.

Tratarei do que podemos chamar de significados das experiências do analfabetismo e da alfabetização. A partir destes significados fica evidente como a sociedade classifica o analfabeto e de que maneira ele avalia sua relação com o mundo letrado, como vivencia a relação com uma sociedade que o desqualifica e o deprecia.

HELENA PONCE MARANHÃO é socióloga, mestre em Ciências Políticas da equipe do Programa de Alfabetização e Leitura da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Revista ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA. Ano 1, número 1, outubro 1994, RAAAB-
Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil.

Mas, antes de abordar esta problemática, destaco algumas definições relevantes para sua discussão.

É plausível supor que não existe uma maneira única e exclusiva de conceituar os estados de analfabeto e de alfabetizado, em nossa sociedade. Evidentemente não estou negando a existência de uma conceituação mais ou menos predominante que, em linhas gerais, define como alfabetizada a pessoa que domina os códigos da leitura e da escrita e o registro de cálculos elementares.

É preciso, contudo, especificar ainda mais esta conceituação, definir o que se compreende como domínio desses códigos. Entendo que o operar estes códigos básicos significa ter uma capacidade relativa de se apropriar das mensagens por eles veiculadas e de repassá-las a outros indivíduos, estabelecendo assim uma rede de comunicação. Portanto, em resumo, alfabetizado é aquele que está capacitado para interagir ou atuar neste processo específico de comunicação.

A partir de uma definição técnica - baseada no ato compreensivo de ler, escrever e contar - o conceito ou estado de analfabetismo se opõe, logicamente, ao de alfabetizado. No entanto, a visão social (que expressa relações e valores sócio-culturais e políticos) do que é ser analfabeto não se esgota nesta simples oposição. Sua apreensão depende de diversos contextos e de várias categorias, predicados e classificações, que são articulados pelas diferentes classes, camadas ou grupos da sociedade.

Nesse sentido o foco principal da discussão incide no tipo de categorização ou qualificação social que recai sobre o adulto analfabeto.

Quando procura se alfabetizar, este adulto, além dos motivos óbvios de ordem prática ligados à resolução de problemas do dia-a-dia que, como sabemos, é

facilitada pela aquisição do código escrito - tem também significativas motivações de ordem psicossocial. Estas motivações se baseiam em necessidades relacionadas com o resgate e a preservação de dimensões da auto-estima, ou seja, que se referem à reconstituição de facetas da identidade do adulto analfabeto.

Identidade, aqui, significa como indivíduos são reconhecidos e qualificados pela sociedade, e como tal qualificação interfere na auto percepção - isto é, afeta a auto-estima ou auto-imagem - determinando o modo como eles avaliam a si mesmos, tendo como referência o modo como a sociedade, os "outros", os avaliam.

Assim, baseada em depoimentos colhidos entre adultos que buscam a alfabetização, pretendo, a partir das idéias que eles expressam, retratar como vivenciam a condição de pessoas estigmatizadas, de indivíduos que têm uma "identidade deteriorada" (cf. Goffman, 1975).

Vejamos, então, alguns termos ou expressões que são usados para categorizar o adulto analfabeto. Ele costuma freqüentemente ser visto ou qualificado como alguém que é "cego" e que "não sabe nada". De modo mais imediato, tais comparações ou definições procuram evidenciar os fatos de "não saber ler" e de não saber "assinar o nome" (cf. depoimentos colhidos: Ponce Maranhão, 1990).

É interessante notar que a cegueira - uma deficiência física - é também um estigma, porque indica uma desvantagem ou defeito de seu portador. Aliás, a recorrente comparação entre o analfabetismo e a cegueira é exemplificada por várias frases: "a pessoa analfabeta não enxerga nada", "não sabe aonde pisar", "não sabe andar ou mexer", "perde mesmo o sentido", etc. (cf. depoimentos).

Definir o analfabeto como alguém que "não sabe nada"

implica significados que vão além da não-capacidade de "assinar o nome" ou de "ler", pois abrange também aspectos mais amplos da vivência de um determinado indivíduo. Por exemplo, pelo fato de "não sabe nem o que é o mundo", "não entende e nem conhece nada", etc. (cf. depoimentos).

Estas comparações buscam salientar sua dependência em relação aos outros. Ele chega a ser visto como alguém inabilitado para ações autônomas, capaz apenas de imitações, como podemos notar nas seguintes afirmações: ele (o analfabeto) "anda por ver os outros andarem" e "come por ver..." (cf. depoimentos).

São também usados predicados como "burro", "bicho bruto", "besta", "mula", propondo uma categorização do analfabeto como alguém que estaria entre o mundo "selvagem" ou animal e o mundo humano. Ou ainda, aquele que está entre os "desclassificados", "inferiores", "inúteis", "baixos", "diminuídos", "pobres", etc. (cf. depoimentos).

Sugere-se, por um lado, sua posição-limite no mundo humano e, por outro, sua posição subalterna na estrutura social. O analfabeto é aquele que não tem possibilidade de melhorar sua condição de vida e por isso é alguém que tem uma situação "muito ruim", "perdida", "sem saída mesmo" (cf. depoimentos). Tais avaliações, além de obviamente se pautarem sobre a realidade, revelam que esta categorização pertence mais às diferenças baseadas na estrutura de classes.

Vejamos também, de maneira resumida, como a sociedade age com o adulto analfabeto e como ele sente esta ação.

O analfabeto é aquele que: "é passado para trás", "é desprezado", as pessoas "xingam", "ficam rindo", "desmoralizam". Enfim, ele "serve de bobó pros outros".

Em função destas relações, os que são assim identificados dizem que sentem "revolta", "frustração", "desânimo", "tristeza", "ansiedade". Ficam, pois, "chateados", "constrangidos", "acanhados" ou com "raiva" do tratamento que recebem. "Passam" então "decepção" e, ao mesmo tempo, acabam se sentindo "inferiores", "perdidos", "ofendidos", etc. (cf. depoimentos).

Nesta descrição bem geral de como adultos em processo de alfabetização avaliam a experiência do analfabetismo, notamos que estão implícitas aquelas motivações psicossociais a que me referi e que, igualmente, os atraem para a alfabetização. Isso porque os significados ou conteúdos associados à identidade de analfabeto não só tornam evidente um intenso processo de estigmatização como também a ambivalência de identidade que decorre de tal vivência.

Esta ambivalência se revela através das oscilações ou ambigüidades em relação à sua própria condição de estigmatizado. Pois se, por um lado, a pessoa analfabeta é percebida por adultos em processo de alfabetização de modo tão depreciativo, por outro, eles mesmos avaliam como é degradante viver assim tão desvalorizado ou desqualificado pelos "outros", pela sociedade.

Vemos, então, como a deficiência das habilidades da leitura, escrita e cálculo importa adicionar outras deficiências a um determinado indivíduo. Ao mesmo tempo, observamos que os termos usados indicam uma elevada freqüência de características negativas semelhantes para retratar esta categoria de pessoa. Sabemos que, em nossa sociedade, ser analfabeto supõe uma carência anterior, abrangente e determinante - a pobreza - que dota também de conteúdo sua desqualificação.

Outras evidências revelam ainda como a identidade de analfabeto está fortemente carregada de conteúdos

sociais depreciativos, que induzem a quem está nesta condição a usar recursos que permitam encobrir o conhecimento de sua situação pelos outros e a relativizar a ausência da capacidade de ler, escrever e contar - propondo e combinando outros critérios para não se categorizar como "completamente analfabeto" (cf. depoimentos).

Deste modo, critérios como "boas maneiras", "assinar o nome", "conhecer as letras", "estar fazendo a alfabetização", "saber conversar com as pessoas" ou ainda saber se deslocar no espaço urbano, são referenciais mínimas para a distinção daquele que muitos costumam chamar de "analfabeto em tudo" (cf. depoimentos). E também servem como meios significativos (do ponto de vista do analfabeto) para evitar o reconhecimento público da ausência da capacidade de ler e de escrever.

No que se refere à desqualificação que esta carência suscita, observamos que os mesmos atributos são relacionados, de modo equivalente, às expressões "não sabe assinar o nome, ler e/ou escrever" e ao termo analfabeto. Tal observação parece óbvia, mas a registro para assinalar que a categorização de "cunho social", - ou seja, a que reflete o sistema predominante de diferenciação e discriminação social - envolve, de modo permanente, a categorização que se refere mais diretamente à ausência da capacidade de ler, escrever e executar certos cálculos.

Entretanto, esta equivalência tem dimensão relativa, porque para o adulto que busca se alfabetizar é menos desconfortável ou constrangedor assumir que "não saber ler e/ou escrever" do que se reconhecer como analfabeto. Portanto, tal equivalência relativa apenas reforça o caráter estigmatizador desta categoria.

De um ponto de vista mais amplo, essas ponderações também se manifestam na linguagem corriqueira,

quando chamamos ou classificamos de analfabeto alguém, que até sabe ler e escrever. Deixamos implícitas, desta forma, diferenciações que transitam desde qualidades inerentes até qualidades adquiridas, ou seja, tanto de ordem substantiva quanto adjetiva. Por exemplo, em relação a alguém que é tecnicamente alfabetizado, a qualificação de analfabeto, pode significar que ele é um incapaz por seus atributos naturais ou orgânicos, ou que ele desconhece um determinado assunto. Nos dois casos, está se utilizando o termo como sinônimo de ignorante. Só que no primeiro caso ele é abrangente e absoluto e, no segundo, restrito e relativo.

Ainda a título de comparação, quando recorremos à expressão "analfabeto de pai e mãe" pretendemos definir, de modo substantivo, um indivíduo por meio de uma referência à hereditariedade: trata-se de alguém que, por suas qualidades inerentes e pessoais, entendemos ser intelectualmente inferior. Destaco ainda que a referência à hereditariedade parte de um ponto de vista especificamente genético, mas também pode se reportar à origem de classe de uma pessoa.

Vemos que a relação entre o analfabetismo e o mundo letrado é conflituosa, tensa, penosa até. A sociedade tende a avaliar esta condição como se fosse de estrita responsabilidade do indivíduo e por isso produto de deficiências próprias do adulto que não sabe ler e escrever.

Parece que tanto a sociedade quanto pessoas envolvidas no processo educativo dão pouca importância às determinantes sociais que incidem nesta questão. Ou ainda, relegam a um segundo plano a dimensão sociológica e os efeitos psicossociais que interferem na problemática do analfabetismo e da alfabetização.

Se, para o "senso comum" (cf. Gramsci, 1978), ser analfabeto

Original

significa possuir uma degradante desqualificação, deve-se, igualmente, atentar que tal condição é apenas uma das conseqüências da pobreza, sendo, por isso, o analfabetismo um de seus indicadores sociais.

As observações que esbocei suscitam algumas indagações sobre a condução de um processo de alfabetização destinado a adultos.

Se entendemos que um educador deve reconhecer como válida a experiência e, portanto, o conhecimento que o analfabeto traz consigo ao ingressar na classe de alfabetização, devemos também nos preparar para considerarmos questões que afetam a auto-estima desse adulto. Pois alguém que tem uma identidade tão deteriorada, associada a uma situação vergonhosa, ao fracasso, frustração, etc. - porque chegou à adolescência ou à idade adulta sem saber ler e escrever - tende a se sentir inseguro ao se engajar na alfabetização. Este indivíduo está vivendo um momento significativo na busca de se afastar da imagem que os outros têm dele e que ele próprio aceita: - alguém desqualificado e, por isso, desvalorizado pela sociedade.

Tal insegurança pode interferir no processo de aquisição de conhecimento, às vezes até bloqueando o potencial de aprendizagem de um dado indivíduo, já que, como sabemos, fatores emocionais, incidem sobre o desenvolvimento de nossas potencialidades.

Por isso, cabe ao professor estar sensível às motivações psicossociais que influem na busca da alfabetização. Como? Procurando discutir meios de conduzir o processo ensino-aprendizagem de modo a reforçar a auto-estima deste adulto. E também propiciando o estreitamento das relações intraclasse, ou seja, entre alunos e professor criando, gradativamente, é claro, um ambiente favorável, que possibilite aos alunos a expressão ou verbalização da desvalorização que

Original

sofrem. Assim, eles poderão, juntos com o professor e com o apoio deste, compreender criticamente que o analfabetismo não é mera responsabilidade sua, como muitos costumam sugerir, mas sim responsabilidade e dívida de uma sociedade. E, mais particularmente, de um sistema de ensino que não tem sido capaz de garantir seu direito à educação.

Bibliografia

- GOFFMAN, Erving. (1975), **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro, Zahar.
- GRAMSCI, Antonio. (1978), **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MARANHÃO, Helena Severiano Ponce. (1990), **Analfabeto: Ser e Não Ser**, in: **Trançando Discursos: Pobreza, Política, Sociedade**. Rio de Janeiro, IUPERJ, Tese de Mestrado em Ciência Política.